

Selic a 13,75% tenta conter inflação persistente, mas encarece crédito e produção

| 12ª ALTA | Ao fazer novo aumento de 0,5 ponto percentual na taxa básica de juros, Copom sinaliza outra elevação para setembro, porém em patamar menor

ADRIANO QUEIROZ
adriano.queiroz@opovo.com.br



IMPACTO

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central (BC) elevou a taxa Selic em 0,5 ponto percentual, de 13,25% para 13,75% ao ano, voltando ao patamar estabelecido em novembro de 2016.

O Copom deixou ainda a porta aberta para mais um reajuste na próxima reunião, embora de menor magnitude, provavelmente de 0,25%. Com isso, em 21 setembro, a Selic pode chegar a 14% ao ano.

O aumento do juro básico reflete em taxas bancárias mais elevadas ao consumidor, embora haja uma defasagem entre a decisão do BC e o encarecimento do crédito. O que influencia negativamente no consumo da população e os investimentos produtivos, e, consequentemente, o próprio processo de retomada da economia que ainda está muito fragilizado, conforme analistas ouvidos por O POVO.

Vale lembrar que o número de inadimplentes está em patamar recorde no Brasil. Segundo dados da Serasa Experian, em maio, mais de 66,6 milhões de pessoas estavam com contas em atraso. E esses são os que mais devem sentir o peso desta mudança.

Foi o 12º aumento consecutivo do juro básico desde março de 2021, no que já é o ciclo de aperto monetário mais longo da história do Copom. Assim, desde a mínima histórica de 2,0%, a Selic subiu 11,75 pontos percentuais, o maior choque de juros desde 1999. As altas seguidas tentam conter uma inflação disseminada e persistente. Apesar das recentes medidas tomadas pelo governo terem reduzido o peso de combustíveis e da energia elétrica na inflação deste ano, com possíveis deflações no IPCA nos próximos meses, as projeções para 2023 seguem em alta.

No comunicado, o Banco Central acrescentou que “o ambiente externo mantém-se adverso e volátil”. Na semana passada, o Federal Reserve (Fed), o banco central norte-americano, subiu pela quarta vez consecutiva a taxa básica de juros daquele país, que passou de 1,75% para 2,5% ao ano. Ontem, a própria presidente do Fed fez estimativas de que o juro básico nos EUA vá alcançar um patamar de 3,4% a 4% ao ano, no fim de 2022.

A Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac) calcula que, com a nova Selic, o juro médio para as pessoas físicas passará de 119,07% para 120,05% ao ano. Para as pessoas jurídicas, a taxa média sairá de 56,57% para 57,29% ao ano.

IVAN-SAMKOV/DIVULGAÇÃO



O ENCARECIMENTO do crédito é um dos primeiros efeitos a ser sentido pelo consumidor

Repercussão

CNI considera decisão do Copom como equivocada

A decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central de elevar mais uma vez a taxa básica de juros foi considerada “equivocada” pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Na avaliação do presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, a taxa de juros real já supera, desde dezembro do ano passado, o patamar suficiente para desacelerar a inflação nos próximos meses.

“A CNI entende que, neste momento, o novo aumento da taxa de juros é dispensável para o combate da inflação e trará custos adicionais desnecessários para atividade econômica, com reflexos negativos sobre consumo, produção e emprego”, afirma o executivo.

A entidade avalia ainda que as desonerações recentes sobre energia elétrica, combustíveis, telecomunicação e transporte coletivo reforçam o movimento de desaceleração da inflação e lembra que, para julho e agosto, a expectativa é de deflação.

Onde aplicar?

Alta dos juros e incerteza econômica favorecem investimentos conservadores

Com a Selic ainda mais alta, analistas reforçam a recomendação para investimentos conservadores. Para investidores que querem escapar de perdas diante da inflação sem correr maiores riscos, a renda fixa continua sendo a maior aposta. A preferência pela possibilidade de poder resgatar o dinheiro em prazos mais curtos, ou liquidez, também está entre as recomendações.

Nas aplicações indexadas ao CDI, que acompanha o juro básico, as alternativas mais interessantes segundo o estrategista de investimentos do Santander, Arley Júnior, além dos CDBs, são fundos DI, Tesouro Selic e LCIs e LCAs, títulos ou fundos e previdência. “São alternativas que estão com

prêmio em relação aos títulos públicos e, em alguns casos, são isentas de Imposto de Renda para pessoa física”, destaca.

Na mesma linha de raciocínio, o conselheiro da Associação dos Analistas e Profissionais do Mercado de Capitais (Apimec Brasil), Ricardo Coimbra, afirma que “a nova elevação da taxa proporciona, a maior potencialidade para o mercado de renda fixa, especialmente para as aplicações vinculadas ao Tesouro e às vinculadas à Selic, de um modo geral. Isso significa dizer que a rentabilidade da renda fixa se torna mais atrativa”.

Ele acrescenta que, “de alguma forma, também pode gerar reflexos na renda variável, como nas ações de empresas como bancos que, de repente

podem ter até uma valorização no mercado acionário.”

O professor de economia e finanças do Centro Universitário Estácio do Ceará, Thiago Holanda, explica que com essa escalada mundial nas taxas de juros, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, os investimentos de renda fixa se tornaram mais interessantes. Então, muitos certificados de depósitos bancários por exemplo, os famosos CDBs, rendem um percentual maior do que a taxa básica”.

Segundo a Anefac, com a taxa de 13,75% ao ano, a caderneta só renderá mais que os fundos de investimento quando o prazo da aplicação é curto e a taxa de administração cobrada pelos fundos é alta. (Com AE)

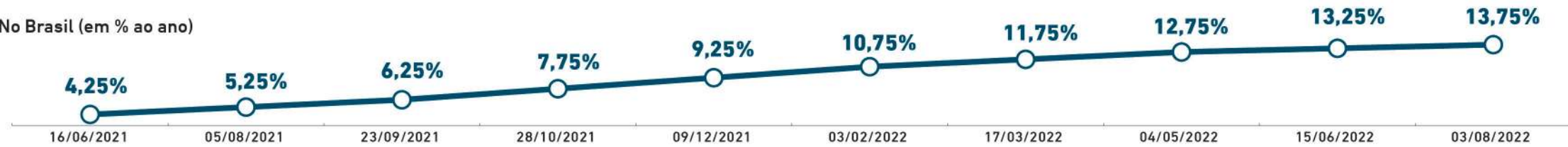


MERCADO

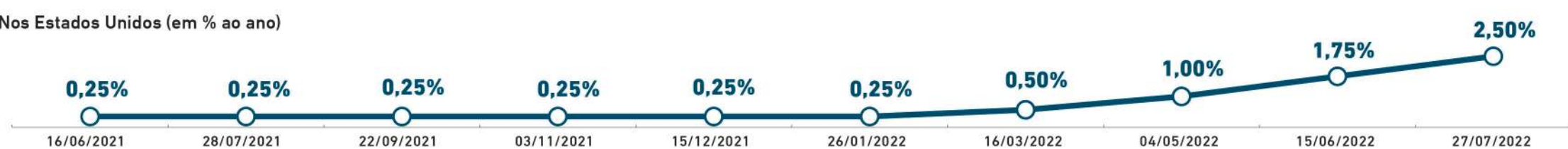
O dólar fechou estável, em R\$ 5,27, após alternar altas e baixas ao longo do dia. A bolsa de valores recuperou-se pelo segundo dia consecutivo, beneficiada por ações locais.

CONFIRA A EVOLUÇÃO DA TAXA BÁSICA DE JUROS (Selic)

No Brasil (em % ao ano)



Nos Estados Unidos (em % ao ano)



FONTES: Banco Central do Brasil/Fed